

Comportamento de estudantes universitários da área da saúde com relação à utilização de medicamentos e a prática da automedicação

Behavior of university students in the health area regarding the use of medicines and the practice of self-medication

Comportamiento de estudiantes universitarios del área de la salud frente al uso de medicamentos y la práctica de la automedicación

Recebido: 21/08/2022 | Revisado: 29/08/2022 | Aceito: 31/08/2022 | Publicado: 09/09/2022

Echile Lorrany Gonçalves dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5052-6295>
Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna, Brasil
E-mail: echilegss@gmail.com

Luana Lavine Pereira Antunes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4502-3404>
Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna, Brasil
E-mail: luana_lavine@gmail.com

Daniel Brendon Melo Henriques Seabra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7442-7854>
Universidade Federal do Amazonas, Brasil
E-mail: danielbseabra@gmail.com

Alenice Aliane Fonseca

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4154-041X>
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
E-mail: alenicealane@gmail.com

Tahiana Ferreira Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0111-8567>
Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil
E-mail: tahiana.fono@gmail.com

Éryka Jovânia Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4106-8055>
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
E-mail: erykanutri@yahoo.com.br

Ronilson Ferreira Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9592-1774>
Universidade Federal do Amazonas, Brasil
E-mail: ronnypharmacia@gmail.com

Resumo

A prática da automedicação é um comportamento comum em diversos grupos populacionais, inclusive entre os estudantes universitários. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi verificar o comportamento de estudantes universitários da área da saúde com relação à utilização de medicamentos, particularmente, à prática da automedicação. Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, observacional, transversal realizado através da avaliação da prática da automedicação entre universitários. Foram utilizados questionários contendo questões sociodemográficas e outras relacionadas à prática da automedicação. Os resultados obtidos neste estudo demonstraram que a maioria dos investigados possuía idade ≤ 29 anos (87,6%), eram do sexo feminino (81,9%), de cor da pele não branca (74,6%), sem companheiro fixo (51,8%) e morava com familiares (81,9%). Com relação à escolaridade, 88,1% possuíam ensino superior incompleto, tem $\geq 2,5$ anos de curso e recebem ≤ 2 salários (58,2%). Observou-se que a classe medicamentosa mais utilizada foram os antigripais (87%), sendo que apenas (9,3%) tiveram reações adversas. O sintoma responsável pela maior parte dos casos de automedicação foi a dor de cabeça/febre (61,1%), seguido por resfriado/gripe (89,1%), cólica menstrual (69,9%) e dores de estômago/má digestão (62,1%). O consumo do medicamento não prescrito ocorreu em 54,9% das vezes, por conta própria. Assim, conclui-se que práticas educativas nas instituições de ensino superior sobre o risco da prática da automedicação, se fazem necessárias, a fim de sensibilizar os estudantes universitários sobre os riscos da automedicação.

Palavras-chave: Automedicação; Estudantes; Educação superior; Risco à saúde humana.

Abstract

The practice of self-medication is a common behavior in several population groups, including university students. In this context, the objective of this study was to verify the behavior of university students in the health area in relation to the use of medication, particularly the practice of self-medication. This is a descriptive, observational, cross-sectional epidemiological study carried out by evaluating the practice of self-medication among university students. Questionnaires containing sociodemographic and other questions related to the practice of self-medication were used. The results obtained in this study showed that the majority of those investigated were ≤ 29 years old (87.6%), were female (81.9%), of non-white skin color (74.6%), without a steady partner (51.8%) and lived with family members (81.9%). Regarding schooling, 88.1% had incomplete higher education, had ≥ 2.5 years of education and received ≤ 2 salaries (58.2%). It was observed that the most used drug class were anti-influenza drugs (87%), and only (9.3%) had adverse reactions. The symptom responsible for most cases of self-medication was headache/fever (61.1%), followed by cold/flu (89.1%), menstrual cramps (69.9%) and stomach pain/bad digestion (62.1%). The consumption of non-prescribed medication occurred in 54.9% of the cases, on its own. Thus, it is concluded that educational practices in higher education institutions about the risk of self-medication are necessary in order to sensitize university students about the risks of self-medication.

Keywords: Self-medication; Students; College education; Risk to human health.

Resumen

La práctica de la automedicación es un comportamiento común en varios grupos de población, incluidos los estudiantes universitarios. En ese contexto, el objetivo de este estudio fue verificar el comportamiento de universitarios del área de la salud en relación al uso de medicamentos, particularmente la práctica de la automedicación. Se trata de un estudio epidemiológico descriptivo, observacional, transversal, realizado mediante la evaluación de la práctica de automedicación entre estudiantes universitarios. Se utilizaron cuestionarios que contenían preguntas sociodemográficas y otras relacionadas con la práctica de la automedicación. Los resultados obtenidos en este estudio mostraron que la mayoría de los investigados tenían ≤ 29 años (87,6%), eran del sexo femenino (81,9%), de color de piel no blanca (74,6%), sin pareja estable (51,8%) y vivía con familiares (81,9%). En cuanto a la escolaridad, el 88,1% tenía estudios superiores incompletos, tenía $\geq 2,5$ años de escolaridad y percibía ≤ 2 salarios (58,2%). Se observó que la clase de fármacos más utilizados fueron los antigripales (87%) y solo (9,3%) presentaron reacciones adversas. El síntoma responsable de la mayoría de los casos de automedicación fue dolor de cabeza/ fiebre (61,1%), seguido de resfriado/gripe (89,1%), cólicos menstruales (69,9%) y dolor de estómago/mala digestión (62,1%). El consumo de medicamentos sin receta ocurrió en el 54,9% de los casos, por sí solo. Así, se concluye que las prácticas educativas en las instituciones de educación superior sobre el riesgo de la automedicación son necesarias para sensibilizar a los estudiantes universitarios sobre los riesgos de la automedicación.

Palabras clave: Automedicación; Estudiantes; Educación universitaria; Riesgo para la salud humana.

1. Introdução

O uso de medicamentos pela população em geral tem aumentado de forma considerável (Bertoldi *et al.*, 2021). Diversos fatores podem estar associados a este fato, dentre eles, aspectos relacionados aos medicamentos como, a variedade de produtos fabricados pela indústria farmacêutica, a facilidade de comercialização e o acesso aos mesmos. Os fatores relacionados às pessoas, como a cultura e comodidade, e a grande variedade de informações médicas disponíveis através das redes sociais, têm facilitado o autodiagnóstico e tratamento, caracterizando, a gestão da própria saúde por meio dos vários recursos disponíveis, quer sejam individuais e/ou coletivos (Sansgiry *et al.*, 2016; Goulart *et al.*, 2019; Sánchez-Sánchez *et al.*, 2021).

Esse autogerenciamento da saúde envolve a prática da automedicação, sendo está, portanto, um comportamento comum em vários grupos populacionais, onde as pessoas fazem a escolha por tomar medicamentos naturais, homeopáticos ou alopatócos, por conta própria, o que caracteriza a automedicação, para a prevenção, alívio ou tratamento de sintomas e doenças (Freitas, *et al.*, 2017; Fereidouni, *et al.*, 2019).

Entretanto, a facilidade e aumento no acesso a medicamentos sem uma melhor literacia em saúde aumentam o risco de uso indevido, e neste contexto, a automedicação, acaba se tornando uma prática insegura, visto que devido ao autodiagnóstico impreciso ou à ingestão inadequada da posologia e concentração adequada do fármaco, podem resultar em resistência de microrganismos patológicos, mascaramento de problemas de saúde, intoxicação, reações adversas e interações medicamentosas, comprometendo a saúde dos usuários (Sansgiry *et al.*, 2016, Sánchez-Sánchez *et al.*, 2021).

A prática da automedicação é frequente entre jovens e adultos, sendo uma prática comum entre os estudantes universitários, visto que a frequência dessa prática está associada ao grau de instrução e informação dos usuários sobre medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde (Tomasi *et al.*, 2007; Gama & Secoli, 2017).

Considerando que a universidade é um locus privilegiado na formação do conhecimento crítico, este estudo teve como objetivo verificar o comportamento de estudantes universitários da área da saúde com relação à utilização de medicamentos, particularmente, à prática da automedicação. Trata-se de um estudo importante na perspectiva de refletir acerca da prática da automedicação em futuros profissionais da saúde, que deverão ser os responsáveis pela orientação e educação de pacientes e população quanto ao uso correto de medicamentos.

2. Metodologia

Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa maior intitulado “Automedicação e fatores associados: estudo com universitários da área da saúde”. Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, observacional, transversal (Pereira, 1995; Gil, 2017), realizado mediante a avaliação da prática da automedicação entre universitários matriculados e frequentes em seis cursos superiores da área da saúde de uma Instituição de Ensino Superior (IES) Privada da Cidade de Montes Claros, Norte de Minas Gerais, sendo eles: Biomedicina, Ciências Biológicas (Bacharelado), Farmácia, Nutrição, Odontologia e Psicologia.

Para definir o universo amostral, considerou-se o total de estudantes matriculados na IES no 1º semestre do ano de 2020 (2500), prevalência desconhecida (50%), erro tolerável de 5% e intervalo de confiança de 95%, totalizando uma amostra mínima de 334 universitários (Szwarcwald & Damascena, 2008).

Entretanto, para o presente estudo foram incluídos 193 acadêmicos que fizeram parte da amostra do estudo maior, e que relataram praticar a automedicação. O critério de inclusão foi possuir idade maior ou igual a 18 anos, estar regularmente matriculado, frequentar a IES no período da coleta de dados e possuir e-mail institucional. O critério de exclusão foi possuir alguma dificuldade que inviabilizasse a comunicação ou se recusasse a responder o questionário, ou ainda, aqueles questionários on-line em que os estudantes universitários não completaram as respostas.

Após a apresentação da pesquisa e do consentimento dos gestores da IES, a coleta de dados ocorreu através do Formulário *Google forms*®, on-line, que foi enviado para os participantes através do e-mail institucional. Utilizou-se ainda de forma pública os grupos de *Whatsapp*® como meio de sensibilização ao público-alvo, para participar do estudo. O instrumento ficou disponível durante sete dias consecutivos, entre os dias 20 e 26 de setembro de 2020, e para garantir que apenas os acadêmicos da IES supracitada respondessem o questionário, este foi vinculado ao e-mail institucional dos acadêmicos, tendo direito a responder o instrumento apenas uma vez.

O instrumento de coleta de dados foi construído pelos próprios pesquisadores, e foram utilizadas questões obtidas de outros instrumentos publicados em estudos anteriores (Gama & Secoli, 2017; Matos *et al.*, 2018) referentes a aspectos sociodemográficos, econômicos, perfil da automedicação e fatores motivacionais. Antes do período da coleta de dados, conduziu-se um estudo piloto com 16 estudantes, pertencentes ao grupo etário estudado e que não fizeram parte da amostra final. O estudo piloto permitiu que fossem testados na prática o questionário e o desempenho dos entrevistados. Após essa fase, a pesquisa de campo foi iniciada. Não foram necessários ajustes no instrumento de coleta de dados.

As variáveis coletadas para caracterizar os aspectos sociodemográficos e econômicos foram: idade (≤ 29 anos. 30 a 39 anos; ≥ 40 anos), sexo (masculino; feminino), cor da pele (branca; não branca), estado conjugal (sem companheiro fixo; com companheiro fixo), moradia (familiares; amigos/colegas; sozinho), escolaridade (cursando 2º graduação; ensino superior incompleto), tempo de curso ($\geq 2,5$ anos; $< 2,5$ anos) e renda (> 2 salários; ≤ 2 salários).

Com relação ao uso de medicamentos, foi utilizado um questionário elaborado pelos próprios pesquisadores com base em estudos realizados anteriormente sobre automedicação em estudantes universitários, onde foram questionados aos

acadêmicos que afirmaram praticar automedicação nos últimos 15 dias: classe de medicamentos, sintomas (doenças) que levaram a prática da automedicação, quem orientou, tempo após surgimento dos sintomas que houve automedicação, reação adversa com a utilização desse(s) medicamento(s), satisfação com o uso desse(s) medicamento(s), acredita que o uso desse(s) medicamento(s) pode causar algum problema e os motivos que levaram a prática da automedicação (Gama & Secoli, 2017; Matos *et al.*, 2018).

Os dados foram analisados com o auxílio dos *softwares Excel da Microsoft® e Statistical Package for Social Sciences (SPSS)®*, versão 22. Foi realizada uma análise descritiva exploratória dos dados, com distribuição de frequências das variáveis do estudo.

Os participantes do estudo concordaram em participar da presente pesquisa de forma voluntária e antes de responder o questionário no Formulário *Google forms®*, aceitaram a participar através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido on-line contendo o objetivo do estudo, o procedimento de avaliação e o caráter de voluntariedade da participação. O projeto do estudo foi previamente avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas do Norte de Minas, sob o Parecer nº 4.215.623 (CAAE 35081420.2.0000.5141).

3. Resultados

Participaram do estudo 364 universitários da área da saúde, entretanto, no presente estudo, foram incluídos, 193 estudantes, o que corresponde a 53,0% dos entrevistados e que praticavam automedicação. A maioria possuía idade ≤ 29 anos (87,6%), era do sexo feminino (81,9%), com cor da pele autorreferida não branca (74,6%) e sem companheiro fixo (51,8%). Com relação à moradia, a maioria informou morar com familiares (81,9%), estão cursando a 1ª graduação (ensino superior incompleto) (88,8%), o tempo de curso é $\geq 2,5$ anos (59,1%), possui renda ≤ 2 salários (58,3%). As principais características sociodemográficas e econômicas dos universitários estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1: Características sociodemográficas e econômicas entre universitários da área da saúde.

Variáveis	n	%
<i>Idade</i>		
≤ 29 anos	169	87,6
30 a 39 anos	19	9,8
≥ 40 anos	05	2,6
<i>Sexo</i>		
Feminino	158	81,9
Masculino	35	18,1
<i>Cor da Pele</i>		
Branca	49	25,4
Não Branca	144	74,6
<i>Estado Conjugal</i>		
Sem Companheiro Fixo	93	51,8
Com Companheiro Fixo	100	48,2
<i>Moradia</i>		
Familiares	158	81,9
Amigos/Colegas	19	9,8
Sozinho	16	8,3
<i>Escolaridade</i>		
Cursando 2º Graduação	23	11,9
Ensino Superior Incompleto	170	88,1
<i>Tempo de Curso</i>		
≥ 2,5 anos	114	59,1
< 2,5 anos	79	40,9
<i>Renda</i>		
> 2 salários	80	41,5
≤ 2 salários	113	58,3

Fonte: Autoria Própria (2020).

Com relação ao perfil da automedicação entre os estudantes universitários da área da saúde, observou-se que as principais classes medicamentosas utilizadas na prática da automedicação foram antigripais (87,0%), analgésicos/antitérmicos (62,1%) e antiácidos/digestivos (59,5%). O sintoma responsável pela maior parte dos casos de automedicação foi resfriado/gripe (89,1%), seguido de cólica menstrual (69,9%), dores de estômago/má digestão (62,1%) e dor de cabeça/febre (61,1%). O consumo do medicamento não prescrito ocorreu em 54,9% das vezes, por conta própria. Uma considerável parte da população entrevistada não apresentou reação adversa (90,7%), quase a totalidade está satisfeita com o uso do medicamento não prescrito (98,4), e 54,4% não acredita que tais medicamentos poderiam lhes causar algum problema. As principais classes de medicamentos, os sintomas que motivaram a prática da automedicação e as principais características relacionadas à prática da automedicação, estão descritas na Tabela 2.

Tabela 2: Perfil da automedicação entre estudantes universitários da área da saúde.

Variáveis	n	%
<i>Classe de Medicamentos*</i>		
Analgésicos/Antitérmicos	120	62,1
Antigripais	168	87,0
Anti-inflamatórios	30	15,5
Antialérgico	25	12,9
Chás Medicinais	12	6,2
Vitaminas	08	4,1
Antiácidos/Digestivos	115	59,5
Antibióticos	08	4,1
Anticoncepcionais	108	55,9
Laxantes	35	18,1
<i>Sintomas (doenças)*</i>		
Dor de cabeça/febre	118	61,1
Resfriado/Gripe	172	89,1
Dores Musculares	35	18,1
Cólica Menstrual	135	69,9
Dores de Estômago/Má Digestão	120	62,1
Alergia	18	9,3
Sinusite	09	4,6
Ansiedade/Nervosismo/Estresse	45	23,3
Vômito/Diarreia	30	15,5
Insônia	28	14,5
<i>Quem orientou</i>		
Por conta própria	105	54,9
Mãe/Pais	20	10,7
Baseou-se na prescrição anterior	25	12,2
Balconista/Farmacêutico	28	14,5
Vizinhos	06	3,1
Irmão/Familiares	09	4,6
<i>Tempo após surgimento dos sintomas que houve automedicação</i>		
Entre 1 e 6 dias	180	93,2
Entre 1 semana e 1 mês	11	5,6
Mais de 1 mês	02	1,2
<i>Reação adversa com a utilização desse(s) medicamento(s)</i>		
Não	175	90,7
Sim	18	9,3
<i>Satisfação com o uso desse(s) medicamento(s):</i>		
Sim	190	98,4
Não	03	1,6
<i>Acredita que o uso desse(s) medicamento(s) pode causar algum problema</i>		
Sim	88	45,5
Não	105	54,4

(*) A somatória é maior que 100% pois alguns universitários relataram mais de uma classe medicamentosa e sintomas. Fonte: Autoria Própria (2020)

O motivo mais apontado para a prática da automedicação foi à experiência anterior com o medicamento utilizado (74,6%), seguido de sintomas muito simples, sendo desnecessário ir ao médico (69,9%), necessidade de melhora imediata (42,0%) e a facilidade de ir à farmácia e comprar o medicamento. Os principais fatores motivacionais que levaram os estudantes universitários a praticar a automedicação, estão descritos na Tabela 3.

Tabela 3 – Fatores motivacionais para a prática da automedicação entre estudantes universitários da área da saúde.

Variáveis	n	%**
Experiência anterior com esse medicamento	144	74,6
Sintomas muito simples, sendo desnecessário ir ao médico	135	69,9
Necessidade de uma melhora imediata	81	42,0
Falta de tempo	32	16,6
É fácil e prático ir à farmácia e comprar o medicamento	62	32,1
Utilização de sobras de medicamentos guardados em casa	32	16,6
Dificuldade para marcação de consulta médica	24	14,0
Compartilhamento do medicamento por alguém da Convivência	28	14,5
Falta de plano de saúde privado e/ou condição financeira para pagar consulta	25	13,0
Insatisfação em relação ao atendimento médico	21	10,9
Por influência da internet, TV ou outros meios de comunicação	22	11,9

(**) A somatória é maior que 100% pois alguns universitários relataram mais de um fator. Fonte: Autoria Própria (2020).

4. Discussão

O presente estudo buscou verificar o comportamento de estudantes universitários da área da saúde com relação à utilização de medicamentos, particularmente, à prática da automedicação, e observou que está é uma prática comum nessa população, visto que a prevalência da automedicação se deu em 53,0% dos entrevistados, corroborando com os achados de Aquino, Barros e Silva (2010), que realizaram um estudo com 223 estudantes da área de saúde de uma universidade pública no Nordeste do Brasil, e identificaram que a prática da automedicação foi prevalente em 57,7% dos entrevistados.

Entretanto, outros estudos realizados com população semelhante, apontaram que a prevalência da automedicação nessa população pode variar, chegando a 100%. Em estudo realizado em uma universidade privada no Norte do Brasil, os achados apontaram para uma prevalência de automedicação em 88,8% dos entrevistados (Moares *et al.*, 2015). Em estudo realizado na região Sudeste, quando comparado às séries em que os estudantes da área da saúde estavam matriculados, Silva, *et al.*, (2014) concluíram que na primeira série do curso da saúde investigado, 86,5% dos estudantes praticaram a automedicação, e na quarta série esse valor correspondeu a 100%. Já um trabalho realizado em uma universidade no Sul do Brasil, em relação à prática da automedicação, 330 (96,5%) afirmou que já realizaram essa prática (Galato, *et al.*, 2012).

As evidências levantadas apontam para a elevada prevalência da prática da automedicação entre os estudantes universitários, sobretudo na área da saúde. Neste contexto, levando em consideração à prática frequente da automedicação entre os estudantes da área da saúde, uma preocupação que emerge é o aumento desta prática, após estes entrarem para o mercado de trabalho, visto que o conhecimento adquirido durante o processo de formação, e a facilidade de acesso aos medicamentos por redes de apoio, e até mesmo dentro do próprio ambiente de trabalho, é possível que estes profissionais pratiquem o autodiagnóstico, e conseqüentemente, a automedicação, o que pode ser entendido como descuidado com si partindo daqueles que juraram “cuidar do semelhante” (Moraes *et al.*, 2015).

Sendo assim, levando em consideração que cursar uma faculdade na área da saúde seja vista como uma fonte construtora de conhecimentos é importante destacar que estes não foram significativos para redução do comportamento de

automedicação, ao contrário, propicia aos estudantes a falsa ideia de que estão mais aptos para essa prática, aumentando assim, os riscos para a saúde dessa população (Silva, et al., 2014).

Com relação às classes medicamentosas, observou-se que os medicamentos mais comumente utilizados são antigripais, analgésicos/antitérmicos e antiácidos/digestivos, respectivamente. Estudo realizado por Matos *et al.*, (2018) observou que os analgésicos/antitérmicos foram à classe farmacológica mais utilizada, seguidos pelos antigripais e os antiácidos/digestivos, ficando em sétimo lugar. Outros estudos também relataram que dentre as classes medicamentosas mais comumente utilizadas para a prática da automedicação estão os analgésicos/antitérmicos, os antigripais e os antiácidos/digestivos (Arrais, 1997; Loyola Filho *et al.*, 2002; Aquino, et al., 2010; Silva, et al., 2014; Moraes *et al.*, 2015; Matos *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2021).

Destaca-se ainda que a prática da automedicação com antigripais, analgésicos/antitérmicos e antiácidos/digestivos é beneficiado pela facilidade de sua aquisição, uma vez que são medicamentos isentos de prescrição (MIP) e que são comercializados em postos de medicamentos, farmácias, drogarias ou, até mesmo, em supermercados (Silva & Giugliani, 2004). Os MIP representam expressiva parcela de comercialização no mercado farmacêutico mundial e brasileiro e possuem importância no manejo de problemas de saúde autolimitados (Mota *et al.*, 2020), entretanto, a literatura sugere que os MIP, podem influenciar na prática da automedicação, sendo importante salientar que esses medicamentos, não são isentos de risco, o que merece maior atenção, sobretudo dos profissionais da saúde (Arrais *et al.*, 2016), pois podem provocar reações adversas, inefetividade terapêutica e interações medicamentosas, se não usado corretamente (Santos, et al., 2022).

Com relação aos sintomas que levaram os estudantes à prática da automedicação, destaca-se o resfriado/gripe, seguido de cólica menstrual, dores de estômago/má digestão e dor de cabeça/febre. Estudo realizado por pesquisadores brasileiros corroboram com esses achados, de que esses sintomas são os mais comuns e que influenciam na prática da automedicação (Aquino, et al., 2010; Arruda *et al.*, 2011; Galato, et al., 2012; Matos *et al.*, 2018; Cruz *et al.*, 2019).

Cabe destacar que de um modo geral, resfriado/gripe são processos autolimitados e não justificariam o uso de medicamentos antigripais (Matos *et al.*, 2018), entretanto, os antigripais são a segunda classe farmacológica mais utilizada por pacientes por intermédio da automedicação a fim de tentar promover o alívio dos sinais e sintomas relacionados a gripes e resfriados, por se tratar de MIP. Entretanto, é importante destacar que os antigripais, como outros fármacos, são constituídos por um ou mais princípios ativos, podendo ser analgésicos, anti-inflamatórios, descongestionantes sistêmicos, anti-histamínicos e estimulantes, o que pode provocar intoxicações medicamentosas, efeitos adversos, além de outros problemas relacionados ao uso do medicamento, que poderiam ser facilmente evitados, caso não houvesse a prática da automedicação de forma não consciente (Machado *et al.*, 2022).

Com relação à cólica menstrual, segundo sintoma mais citado pela população deste estudo, que levou à prática da automedicação, as principais classes medicamentosas para tratar esses sintomas, são os analgésicos, que também são comumente utilizados para tratar a cefaleia, que muitas vezes é utilizado concomitantemente com os antitérmicos. Estudo realizado por Nascimento (2005) conclui que o uso rotineiro dos analgésicos e antitérmicos se dá, sobretudo, pela influência das propagandas, que estimula o consumo destes medicamentos tendendo a indicá-los a males diversos considerados de pouca gravidade, "corriqueiros" ou "passageiros", como aqueles caracterizados pela sensação de dor, como sintoma biológico (Nascimento, 2005).

A sensação de dor é algo subjetivo para ser avaliado, e a intensidade pode variar entre os indivíduos, pois depende da reação de cada um em traduzir as lesões reais ou potenciais (Bastos *et al.*, 2007). A literatura descreve que a dor é provocada por um determinado estímulo, que afeta os neuroreceptores, e como consequência, emitem uma resposta dolorosa a esse estímulo (Rocha *et al.*, 2007), sendo assim, o objetivo do tratamento é a melhora da funcionalidade e a reabilitação física e psicossocial do indivíduo, reduzindo o uso abusivo de medicamentos, principalmente por conta própria (Bastos *et al.*, 2007;

Souza, et al., 2016). Para isso, é necessário identificar qual a causa da dor, para a escolha adequada do tratamento medicamentoso, sob orientação de um profissional qualificado, para evitar a prática da automedicação e suas consequências para a saúde (Bastos *et al.*, 2007).

Outro importante sintoma que levou os estudantes universitários deste estudo a praticarem a automedicação, foi à febre. Contudo, cabe destacar que alterações de temperatura têm vários determinantes, entre eles infecção, sequela de dano tecidual, inflamação, rejeição a enxerto, câncer, outros estados de doença, o próprio uso de medicamentos, excesso de atividade musculoesquelética e exposição a grandes temperaturas ambientais. Neste contexto, o tratamento deve primariamente direcionar-se à causa do problema (Wannmacher & Ferreira, 2004), não sendo, portanto, recomendado a prática da automedicação, visto que o indivíduo se automedica para alívio imediato dos sintomas, no entanto, esta prática pode estar camuflando uma doença grave que pode se tornar um problema mais sério ou com sequelas até mesmo irreversíveis (Souza & Lima, 2019).

Os distúrbios gastrintestinais (DGI), caracterizados por sinais e sintomas que acometem os tecidos e órgãos do trato gastrintestinal, como náusea, dor abdominal e queimação (Pereira *et al.*, 2020), também foram relatados como as principais causas da prática da automedicação (Trindade *et al.*, 2017). Normalmente, esses sinais e sintomas são tratados com o uso dos antiácidos, que são medicamentos usados, sobretudo para tratar episódios curtos e autolimitados de acidez estomacal, podendo também ser usados em tratamentos em longo prazo como adjuvantes nos casos de úlceras e refluxo gástrico (Trindade *et al.*, 2017; Pereira *et al.*, 2020). O mecanismo de ação desses fármacos se dá a partir da neutralização do ácido clorídrico secretado pelas células do estômago em casos de hiperacidez. Por serem medicamentos amplamente divulgados nos diversos meios de comunicação, muitas vezes é utilizado através de automedicação o alívio de diversos sintomas gastrintestinais, o que nem sempre correspondem ao seu correto emprego, colocando em risco a saúde dos usuários (Trindade *et al.*, 2017).

Cabe destacar que na maioria das vezes, o uso desses fármacos ocorre por conta própria, sem orientações de profissionais da saúde e normalmente acontece nos primeiros dias após o surgimento dos sintomas, sendo que neste estudo, a maioria dos entrevistados, não relatou reações adversas e disseram estar satisfeitos com o uso dos medicamentos. Estudo realizado por Matos *et al.*, (2018), corrobora com os nossos achados, e acrescenta ainda, que a experiência prévia dos acadêmicos e futuros profissionais da saúde, estão entre os principais motivos para o uso de medicamentos sem prescrição por essa população. Ademais, o sentimento de autossuficiência, e de que possuem conhecimentos suficientes para esta prática, também é um fator que pode influenciar na automedicação (Silva, et al., 2014).

No presente estudo, mesmo os acadêmicos, dotados de conhecimento dos riscos da prática da automedicação, a maioria dos entrevistados relatou que não acredita que o uso desses medicamentos pode causar qualquer reação adversa, o que pode configurar em falta de informação e de conhecimento, mesmo em profissionais que deveriam garantir o uso seguro e racional dos medicamentos. Atitudes como essa, reforça a necessidade do desenvolvimento de ações de sensibilização desta população, na perspectiva de contribuir para a formação de cidadãos cientes da sua responsabilidade para o uso racional de medicamentos (Matos *et al.*, 2018).

O motivo mais apontado para a prática da automedicação foi à experiência anterior com o medicamento utilizado, seguido de sintomas muito simples, sendo desnecessário ir ao médico e necessidade de melhora imediata. Diversos motivos para automedicação são relatados na literatura, dentre eles, pode-se incluir a limitação do poder prescritivo, atualmente restrito aos médicos e dentistas, a grande extensão de farmácias nos grandes centros; o sofrimento desencadeado pelos sintomas; a facilidade de acesso a informações na internet em sites de busca; a falta de fiscalização em relação à venda de medicamentos tarjados e a falta de programas educativos a respeito dos efeitos muitas vezes irreparáveis da automedicação (Souza & Lima, 2019).

Apesar da relevância das informações apresentadas, o presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser pontuadas. Os estudos transversais não permitem inferir causalidade, uma vez que não consideram a variável tempo em sua análise, entretanto, fornecem informações importantes, que poderão subsidiar a criação de políticas públicas de apoio aos universitários para a redução da prática da automedicação, além disso, os resultados do presente estudo podem também nortear pesquisadores da área, para o desenvolvimento de estudos longitudinais no futuro. A utilização de uma amostra não probabilística também pode levar a viés de seleção, contudo, trata-se de uma amostra representativa da população em análise. Ademais, considera-se que o trabalho é importante visto que a prática da automedicação foi constatada e pode ser perigosa mesmo em acadêmicos da área da saúde.

5. Conclusão

Conclui-se que a automedicação é uma prática frequente entre acadêmicos da área da saúde, sendo as principais classes medicamentosas utilizadas na prática da automedicação os medicamentos de venda livre, utilizados para tratamento de sintomas da gripe, dores, controle da temperatura corporal e problemas digestivos. O motivo mais apontado para a prática da automedicação foi à experiência anterior com o medicamento utilizado, seguido de sintomas muito simples, sendo desnecessário ir ao médico, necessidade de melhora imediata e a facilidade de ir à farmácia e comprar o medicamento.

Neste contexto, práticas educativas nas instituições de ensino superior sobre o risco da prática da automedicação, se fazem necessárias, a fim de sensibilizar os estudantes universitários sobre os riscos da automedicação.

Além disso, tornam-se relevantes a realização de estudos longitudinais nessa população específica, para avaliar a incidência da prática da automedicação e a relação de causa e efeito entre a prática da automedicação e as características sociodemográficas, comportamentais, estado de saúde e perfil acadêmico dos estudantes universitários da área da saúde.

Referências

- Aquino, D. S., Barros, J. A. C., & Silva, M. D. P. (2010). A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(5): 2533-2538. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>
- Arrais, P. S. D., Fernandes, M. E. P., Pizzol, T. S. D., Ramos, L. R., Mengue, S. S., Luiza, V. L., Tavares, N. U. L., Farias, M. R., Oliveira, M. A., & Bertoldi, A. D. (2016). Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, 50(2): 13s. <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>
- Arrais, P. S., Coelho, H. L., Batista, M. C., Carvalho, M. L., Righi, R. E., & Arnau, J. M. (1997). Perfil da automedicação no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 31(1): 71-77. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000100010>
- Arruda, E. L., Arruda, R. L., Souza, L. T., & Mariano, W. S. (2011). AUTOMEDICAÇÃO: verificação em estudantes universitários da Universidade Federal do Tocantins - UFT Araguaína. *Ensaio e Ciência Ciências Agrárias, Biológicas e da Saúde*, 15(6). <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26024221002>>.
- Bastos, D. F., Silva, G. C. C., Bastos, D. I., Teixeira, L. A., Lustosa, M. A., Borda, M. C. S., Couto, S. C. R., & Vicente, T. A. (2007). Dor. *Revista da SBPH*, 10(1), 85-96. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582007000100007&lng=pt&nrm=iso>.
- Bertoldi, A. D., Silveira, M. P. T., Machado, A. K. F., Xavier, M. O., & Martins, C. (2021). Sources of access to medication and its use in the rural area of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil, in 2016: a cross-sectional population-based study. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 30(1):e2020089. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000100005>
- Cruz, E. S., Silva, I., Augusto, V., & Coelho, A. (2019). Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. *Revista Saúde UniToledo*, 3(1): 02-12.
- Fereidouni Z., Morandini M. K., & Kalyani M. N. (2019). Experiências de automedicação entre pessoas: Uma metassíntese qualitativa. *DARU J. Pharm. Sci.*, 27 :83-89.
- Freitas V. P., Marque M. S., & Duarte S. F. P. (2017). Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. *Revista Multidisciplinar de Psicologia*, 12(39). <https://doi.org/10.14295/online.v12i39.938>
- Galato, D., Madalena, J., & Pereira, G. B. (2012). Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(12): 3323-3330. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001200017>
- Gama, A. S. M., & Secoli, S.R. (2017). Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas - Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38 (1): e65111. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>

Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5ª. ed.): Atlas.

Goulart, L. S., Dourado, I. J. R., Marcondes, A. A., Marques, A., Faria, F. R., & Santos, D. A. S. (2019). Medication consumption in a Brazilian area covered by the Family Health Strategy: Prevalence and associated factors. *Esc Anna Nery*, 23(2):e20180228. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0228>

Loyola Filho, A. I., Uchoa, E., Guerra, H. L., Firmo, J. O. A., & Lima-Costa, M. F. (2002). Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Revista de Saúde Pública*, 36(1): 55-62. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102002000100009>

Machado, P. R. P., Pereira, C. S., Silva, D. C. B., Varela, E. L. P., Corôa, M. C. P., Braga, G. L. C., Ribeiro, R. M., Tiago, A. C. S., Mendes, P. F. S., & Cruz, J. N. C. (2022). Atuação do farmacêutico no uso racional e manejo de antigripais: guia de prática clínica. *Research, Society and Development*, 11(8): e13711830526. 10.33448/rsd-v11i8.30526

Matos J. F., Pena D. A. C., Parreira M. P., Santos T. C. S., & Coura-Vital W. (2018). Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escolar pública profissionalizante. *Cad. Saúde Colet.*, 26(1): 76-83. <https://doi.org/10.1590/1414-462X201800010351>

Moraes, D. C., Silva Junior, G. D., Soares, M. P., & Collier, K. F. S. (2015). Automedicação praticada por acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem do Centro Universitário de Gurupi, Tocantins. *Revista Cereus*, 7(2): 105-116. 10.18605/2175-7275/cereus.v7n2p105-116

Mota, K. F., Pereira, M. L., Coelho, E. B., Reis, T. M., Nascimento, M. M. G., Obreu-Neto, P. R., & Baldoni, A. O. (2020). Medicamentos isentos de prescrição (MIP): o farmacêutico pode prescrever, mas ele sabe o que são? *Revista OFIL-ILAPHAR*, 30(1): 52-55. <https://dx.doi.org/10.4321/s1699-714x20200001000013>.

Nascimento, M. C. (2005) Medicamentos, comunicação e cultura. *Ciência & Saúde Coletiva*. 10(1): 179-193. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000500020>

Pereira, M. G. (1995). *Epidemiologia teoria e prática*. Rio de Janeiro. Editora Guanabara.

Pereira, L. B., Gonçalves, A. M. R. F., Fernandes, C. S. E., Fontanella, A. T., Francisco, P. M. S. B., Mengue, S. S., Borges, R. B., Dal Pizzol, T. S., & Costa, K. S. (2020). Use of drugs for gastrointestinal disorders: evidence from National Survey on Access, Use and Promotion of Rational Use of Medicines. *Einstein*, 18:1-7. https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2020AO5314

Rocha, A. P. C., Kraychete, D. C., LEMONICA, L., Carvalho, L. R., Barros, G. A. M., Garcia, J. B. S., & Sakata, R. K. (2007). Pain: Current Aspects on Peripheral and Central Sensitization. *Rev Bras Anesthesiol*, 57(1): 94-105. 10.1590/s0034-70942007000100011

Sánchez-Sánchez, E., Fernández-Cerezo, F. L., Díaz-Jimenez, J., Rosety-Rodríguez, M., Díaz, A. J., Ordóñez F. J., et al. (2021). Consumo de medicamentos de venda livre: prevalência e tipo de medicamentos. *Int J Environ Res Saúde Pública*, 18:5530.

Sansgiry, S. S., Bhansali, A. H., Bapat S. S., & Xu Q. (2016). Abuse of over-the-counter medicines: A pharmacist's perspective. *Integr. Pharm. Res. Pract.*, 6:1-6. 10.2147/IPRP.S103494

Santos, S. T. S., Albuquerque, N. L., & Guedes, J. P. M. (2022). Os riscos da automedicação com medicamentos isentos de prescrição (MIPs) no Brasil. *Research, Society and Development*, 11(7): e42211730493. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i7.30493>

Silva, C. H., & Giugliani, E. R. J. (2004) Consumo de medicamentos em adolescentes escolares: uma preocupação. *Jornal de Pediatria*, 80(4): 326-32. <https://doi.org/10.2223/JPED.1208>

Silva, C. R., Francisco, R. A., Borges, A. C. S., Rocha, C. M., Rodrigues, G. S. R., & Barros, G. B. S. (2021). Riscos da automedicação durante a pandemia COVID-19. *RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia*, 2(11). <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i11.1001>

Silva, F. M., Goulart, F. C., & Lazarini, C. A. (2014) Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Rev. Eletr. Enf.*, 16(3): 644-51. <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v16i3.20850>

Souza, S. N., & Lima, C. R. (2019) Automedicação em acadêmicos de enfermagem em uma instituição de ensino superior de Maceió. *Ciências Biológicas e de Saúde Unif.*, 5(2): 61-70.

Souza, J. B., Carqueja, C. L., & Baptista, A. F. (2016). Physical rehabilitation to treat neuropathic pain. *Rev Dor*. 17(Suppl 1): S85-90. 10.5935/1806-0013.20160056

Szwarcwald, C. L., & Damacena, G. N. (2008). Amostras complexas em inquéritos populacionais: planejamento e implicações na análise estatística dos dados. *Revista Brasil Epidemiologia*, 11(1): 38-45. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2008000500004>

Tomasi, E., Sant'Anna, G. C., Oppelt, A. M., Petrini, R. M., Pereira, I. V., & Sassi, B. T. (2007) Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. *Revista Brasil Epidemiologia*, 10(1):66-74. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2007000100008>

Trindade, G., Moraes, A., Ribeiro, T., & Menezes, A. P. S. (2020) Automedicação por antiácidos em farmácia comunitária, Bagé-RS. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 9(2).

Wannmacher, L., & Ferreira, M. B. C. (2004) Febre: mitos que determinam condutas. *Uso Racional de Medicamentos*. 1(9), 2004.